

A Gênese



Allan Kardec

PARTE I – A Gênese segundo o Espiritismo
CAPÍTULO VIII – Teorias sobre a formação da terra

Índice

Assunto	Origem	Pagina
I – Teoria da projeção	A Gênese	03
Teoria da projeção	Casa Espírita Nova Era	05
II – Teoria da condensação	A Gênese	06
Formação dos mundos	FEMS – Federação Espírita de Mato Grosso do Sul	07
III – Teoria da incrustação	A Gênese	09
A Gênese (24)	O Condensador	11
IV – Alma da Terra	A Gênese	12
A Alma da Terra	Revista Espírita 09 / 1868	13

A Gênese – (Parte I – Capítulo VIII)

Parte I – A Gênese segundo o Espiritismo Capítulo VII – Teorias sobre a formação da Terra

I - TEORIA DA PROJEÇÃO

1. De todas as teorias concernentes à origem da Terra, a que alcançou maior voga, nestes últimos tempos, é a de Buffon, quer pela posição que ele desfrutava no mundo sábio, quer pela razão de não se saber mais do que ele disse naquela época.

Vendo que todos os planetas se movem na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano, a percorrer órbitas cuja inclinação não passa de 7 graus e meio, concluiu Buffon, dessa uniformidade, que eles hão de ter sido postos em movimento pela mesma causa.

De igual ponto de vista, formulou a suposição de que, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, um cometa se haja chocado com ele e, raspando-lhe a superfície, tenha destacado desta uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, se dividiu em muitos fragmentos, formando esses fragmentos os planetas, que continuaram a mover-se circularmente, pela combinação das forças centrífuga e centrípeta, no sentido dado pela direção do choque primitivo, isto é, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam assim partes da substância incandescente do Sol e, por conseguinte, também teriam sido incandescentes, em sua origem. Levaram para se resfriar e consolidar tempo proporcionado aos seus volumes respectivos e, quando a temperatura o permitiu a vida lhes despontou na superfície.

Em virtude do gradual abaixamento do calor central, a Terra chegaria, ao cabo de certo tempo, a um estado de resfriamento completo; a massa líquida se congelaria inteiramente e o ar, cada vez mais condensado, acabaria por desaparecer. O abaixamento da temperatura, tornando impossível a vida, acarretaria a diminuição, depois o desaparecimento de todos os seres organizados. Tendo começado pelos polos, o resfriamento ganharia pouco a pouco todas as regiões, até ao Equador.

Tal, segundo Buffon, o estado atual da Lua que, menor do que a Terra, seria hoje um mundo extinto, do qual a vida se acha para sempre excluída. O próprio Sol viria a ter, afinal, a mesma sorte. De acordo com os seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual e dentro de 93.000 anos veria o termo da existência da Natureza organizada.

2. A teoria de Buffon, contraditada pelas novas descobertas da Ciência, está presentemente abandonada, quase de todo, pelas razões seguintes:

1º Durante longo tempo, acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta podia ocasionar a destruição deste último. Nessa hipótese, a suposição de Buffon nada tinha de improvável. Sabe-se, porém, agora, que os cometas são formados de uma matéria gasosa, bastante rarefeita, entretanto, para que se possam perceber estrelas de grandeza média através de seus núcleos. Nessas condições, oferecendo menos resistência do que o Sol, impossível é que, num choque violento com este, eles sejam capazes de arremessar ao longe qualquer porção da massa solar.

2º A natureza incandescente do Sol é também uma hipótese, que nada, até ao presente, confirma, que, ao contrário, as observações parecem desmentir. Se bem ainda não haja certeza quanto à sua natureza, os poderosos meios de observação de que hoje dispõe a Ciência hão permitido que ele seja melhor estudado, de modo a admitir-se, em geral, que é um globo composto de matéria sólida, cercada de uma atmosfera luminosa, ou fotosfera, que não se acha em contacto com a sua superfície.(1)

(1) Completa dissertação, à altura da ciência moderna, sobre a natureza do Sol e dos cometas, se encontra nos Estudos e leituras sobre a Astronomia, de Camilo Flammarion.

A Gênese – (Parte I – Capítulo VIII)

3º Ao tempo de Buffon, somente se conheciam os seis planetas de que os antigos eram conhecedores: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Descobriram-se depois outros em grande número, três dos quais, principalmente, Juno, Ceres e Palas, têm suas órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não concorda com um movimento único de projeção. (1)

4º Reconheceram-se absolutamente inexatos os cálculos de Buffon acerca do resfriamento, desde que Fourier descobriu a lei do decrescimento do calor. A Terra não precisou apenas de 74.000 anos para chegar à sua temperatura atual, mas de alguns milhões de anos.

5º Buffon unicamente considerou o calor central da Terra, sem levar em conta o dos raios solares. Ora, é sabido hoje, em presença de dados científicos de rigorosa precisão, obtidos pela experiência, que, em virtude da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo não contribui, de há muito, senão em parcela insignificante, para a temperatura da superfície exterior. São periódicas as variações que essa temperatura sofre e devidas à ação preponderante do calor solar (cap. VII, nº 25). Permanente que é o efeito dessa causa, ao passo que o do calor central é nulo, ou quase nulo, a diminuição deste não pode trazer à superfície da Terra, sensíveis modificações. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento, fora necessária a extinção do Sol. (2)

(1) Os planetoides Juno, Ceres e Palas, bem como centenas de outros, estão localizados entre as órbitas de Júpiter e Marte.

(2) Vejam-se, para, maiores esclarecimentos sobre este assunto e sobre a lei do decrescimento do calor: Cartas acerca das revoluções do globo, pelo Dr. Bertrand, ex-aluno da Escola Politécnica de Paris, carta II. — Esta obra, à altura da ciência moderna, escrita com simplicidade e sem espírito de sistema, encerra um estudo geológico de grande interesse.

Estudos

13/04/2007

Casa Espírita – Nova Era

I. Teoria da projeção

Teoria da projeção

Teoria de Buffon: Um cometa teria se chocado com o Sol, causando a projeção de fragmentos incandescentes no espaço, originando assim os planetas, que mantiveram o movimento no sentido do choque primitivo, no plano da eclíptica.

Com o resfriamento contínuo a Terra acabaria por congelar-se totalmente dentro de 93.000 anos.

Com a descoberta de que os cometas são formados de matéria gasosa, sendo inviável que seu choque pudesse causar deslocamento de matéria solar, foi abandonada a teoria de Buffon, tanto mais que seu cálculo de tempo para congelamento da Terra não levou em consideração a ação dos raios solares, somente o calor central.

“Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento, fora necessária a extinção do Sol”.

Por outro lado, aceita-se atualmente que o Sol, em vez de massa incandescente, seja formado por matéria sólida cercada por uma fotosfera.

A Gênese – (Parte I – Capítulo VIII)

II - TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3. A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que hoje prevalece na Ciência, como sendo a que a observação melhor justifica, a que resolve maior número de dificuldades e que se apoia, mais do que todas as outras, no grande princípio da unidade universal. É a que deixamos exposta acima, no cap. VI: Uranografia geral.

Estas duas teorias, como se vê, conduzem ao mesmo resultado: estado primitivo, de incandescência, do globo; formação de uma crosta sólida pelo resfriamento; existência do fogo central e aparecimento da vida orgânica, logo que a temperatura a tornou possível. Diferem, no entanto, em pontos essenciais e é provável que, se Buffon vivesse atualmente, adotaria outras idéias.

A Geologia toma a Terra no ponto em que é possível a observação direta. Seu estado anterior, por escapar à observação, só pode ser conjectural. Ora, entre duas hipóteses, o bom-senso diz que se deve preferir a que a lógica sanciona e que mais acorde se mostra com os fatos observados.

**FEMS – Federação Espírita de Mato Grosso do Sul
Formação dos mundos**

III. Teoria da condensação

P. Podemos conhecer o modo de formação dos mundos?

R. Tudo o que se pode dizer e podeis compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço.

Na questão n. 38 L.E., a pergunta do insigne Codificador foi sobre “como” Deus criou o Universo, tendo sido respondido que foi por meio da luz.

Na presente questão, porém, a pergunta é sobre o “modo” de formação dos mundos.

A resposta, tão surpreendente quanto a primeira, foi a de que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no espaço.

No capítulo sexto de “A Gênese”, sob o título “Uranografia Geral”, consta que a matéria cósmica se condensou sob a forma de imensa nebulosa, tomando a forma de um esferoide que adquiriu movimento circular produzido pela gravitação até adquirir a forma lenticular.

Abre-se um parêntese aqui para dizer, de forma simplificada, que as nebulosas, termo da Astronomia, constituem conglomerados de partículas, hidrogênio e plasma (um dos estados físicos da matéria, similar ao gás), denominadas “os pilares da criação”.

E continuam os professores do espaço: com a aceleração do movimento da nebulosa, esta se condensou, aumentando o seu raio e fazendo com que predominasse a força centrífuga em relação à atração central, destacando-se desse anel em movimento uma nova massa, isolada da primeira, mas conservando o movimento equatorial que, modificado, se transformou em movimento de translação em torno do Sol, cujo novo estado lhe deu um movimento de rotação em torno de seu próprio centro.

A seguir, “a nebulosa geratriz, que deu origem a esse novo mundo, condensou-se e retomou a forma esférica”, mas, como o primitivo calor, desenvolvido por seus diversos movimentos, só com extrema lentidão se atenuasse, o fenômeno ora descrito se reproduz muitas vezes e durante longo período, enquanto a nebulosa não se haja tornado bastante densa, bastante sólida, para oferecer resistência eficaz às modificações de forma, que o seu movimento de rotação sucessivamente lhe imprime:

“22 Ela [a nebulosa geratriz], pois, não terá dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionado acima.

Ora, cada um de seus mundos, revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos gerará sucessivamente novos globos que desde então lhe gravitarão em torno, como ele, juntamente, com seus irmãos, gravita em torno do foco que lhes deu existência e vida.

Cada um desses mundos será um Sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente destacados de seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, embora dependente do astro que os gerou.

23. – Os planetas são, assim, formados de massas de matéria condensada, porém, ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação de força centrífuga e que tomam, em virtude das leis do movimento, a forma esferoidal, mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que conservaram.

Um desses planetas será a Terra que, antes de se resfriar e revestir de uma crosta sólida, dará nascimento à Lua, pelo mesmo processo de formação astral a que ela própria deveu a sua existência.

A Gênese – (Parte I – Capítulo VIII)

A Terra, doravante inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fraqueza as asas da divina Providência protege, nova corda colocada na harpa infinita e que, no lugar que ocupa, tem de vibrar no concerto universal dos mundos.”

(A Gênese.34. ed. Rio: FEB. Cap. 6, p. 119).

Na questão n. 21, do livro “O Consolador”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, o autor espiritual Emmanuel resume o fenômeno de forma poética:

“Ao sopro inteligente da vontade divina, condensa-se a matéria cósmica no organismo do Universo. Surgem as grandes massas das nebulosas e, em seguida, a família dos mundos, regendo-se em seus movimentos pelas leis do equilíbrio, dentro da atração, no corpo infinito do cosmo.

O ciclo da evolução apresenta aí um dos seus aspectos mais belos. Sob a diretriz divina, a matéria produz a força, a força gera o movimento, o movimento faz surgir o equilíbrio da atração e a atração se transforma em amor, identificando-se todos os planos da vida na mesma lei de unidade estabelecida no Universo pela sabedoria divina.”

(FEB:15ª ed., p. 32).

Leon Denis, eminente escritor Espírita francês, na obra “Depois da Morte”, adiciona:

“Uma poderosa unidade rege o mundo. Uma só substância, o éter ou fluido universal, constitui em suas transformações infinitas a inumerável variedade dos corpos.

Este elemento vibra sob a ação das forças cósmicas.

Conforme a velocidade e o número dessas vibrações, assim se produz o calor, a luz, a eletricidade, ou o fluido magnético.

Condensem-se tais vibrações, e logo os corpos aparecerão.

E todas essas formas se ligam, todas essas forças se equilibram, consorciam-se em perpétuas trocas, numa estreita solidariedade.

Do mineral à planta, da planta ao animal e ao homem, do homem aos seres superiores, a apuração da matéria, a ascensão da força e do pensamento produzem-se em ritmo harmonioso. Uma lei soberana regula num plano uniforme as manifestações da vida, enquanto um laço invisível une todos os Universos e todas as almas.

O estudo da Natureza mostra-nos, em todos os lugares, a ação de uma vontade oculta. Por toda a parte a matéria obedece a uma força que a domina, organiza e dirige. Todas as forças cósmicas reduzem-se ao movimento, e o movimento é o Ser, é a Vida.

O materialismo explica a formação do mundo pela dança cega e aproximação fortuita dos átomos. Mas viu-se alguma vez o arremesso ao acaso das letras do alfabeto produzir um poema? E que poema a da vida universal! Entregue a si mesma, nada pode a matéria.

Inconscientes e cegos, os átomos não poderiam tender a um fim.

Só se explica a harmonia do mundo pela intervenção de uma vontade.

É pela ação das forças sobre a matéria, pela existência de leis sábias e profundas, que tal vontade se manifesta na ordem do Universo.”

(FEB: 16ª ed., parte segunda, cap. IX, O Universo e Deus, p. 115-116).

III - TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4. Apenas por não deixar de mencioná-la, falamos desta teoria, que nada tem de científica, mas, que, entretanto, conseguiu certa repercussão nos últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Acha-se resumida na carta seguinte:

“Deus, segundo a Bíblia, criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Essa afirmativa os geólogos a contestam, firmados no estudo dos fósseis e dos milhares de caracteres incontestáveis de vetustez que transportam a origem da Terra a milhões de anos. Entretanto, a Escritura disse a verdade e também os geólogos. E foi um simples campônio¹ quem os pôs de acordo ensinando que o nosso globo não é mais do que um planeta incrustador, muito moderno, composto de materiais muito antigos.

“Após o arrebatamento do planeta desconhecido, que chegara à maturidade, ou de harmonia com o que existiu no lugar que hoje ocupamos, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites, para formar a Terra atual, segundo as regras do progresso em tudo e por tudo.

Quatro apenas desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta. Só a Lua persistiu na sua autonomia, visto que também os globos têm o seu livre-arbítrio.

Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu aos satélites um raio magnético atrativo, que pôs em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles possuíam e que trouxeram para a comunidade.

A operação teve por únicas testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles globos para lhes dar entranhas comuns. Praticada a soldadura, as águas se escoaram para os vazios que a ausência da Lua deixara.

As atmosferas se confundiram e começou o despertar ou a ressurreição dos germens que estavam em catalepsia.

O homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao seu derredor.

Tudo isto se podia fazer em seis dias, com obreiros tão poderosos como os que Deus encarregara da tarefa.

O, planeta Ásia trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; o, África a raça negra; o, Europa a raça branca e o, América a raça vermelha.

“Assim, certos animais, de que apenas os despojos são encontrados, nunca teriam vivido na Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desmanchados pela velhice.

Os fósseis, que se encontram em climas sob os quais não teriam podido existir neste mundo, viviam, sem dúvida em zonas muito diferentes nos globos onde nasceram.

Tais despojos na Terra se encontram nos polos, ao passo que os animais viviam no Equador dos globos a que pertenciam.”

5. Esta teoria tem contra si os mais positivos dados da ciência experimental, além de que deixa intacta a questão mesma que ela pretende resolver, a questão da origem. Diz, é certo, como a Terra se teria formado, mas não diz como se formaram os quatro mundos que se reuniram para constituí-la.

Se as coisas se houvessem passado assim, como se explicaria a inexistência absoluta de quaisquer vestígios daquelas imensas soldaduras, não obstante terem ido até as entranhas do globo? Cada um daqueles mundos, o Ásia, o África, o Europa e o, América, que se pretende haverem trazido os materiais que lhes eram próprios, teria uma geologia particular, diferente da dos demais, o que não é exato.

Ao contrário, vê-se, primeiramente, que o núcleo granítico é uniforme, de composição homogênea em todas as partes do globo, sem solução de continuidade. Depois, as camadas geológicas se apresentam de formação igual, idênticas quanto a constituição, superpostas, em toda parte, na mesma ordem, contínuas, sem interrupção, de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente.

Essas camadas que dão testemunho das transformações do globo, atestam que tais transformações se operaram em toda a sua superfície e não, apenas, numa porção desta;

A Gênese – (Parte I – Capítulo VIII)

mostram os períodos de aparecimento, existência, e desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais, nas diferentes partes do mundo, igualmente; mostram a fauna e a flora desses períodos recuados a marcharem simultaneamente por toda parte, sob a influência de uma temperatura uniforme, e a mudar por toda parte de caráter, à medida que a temperatura se modifica.

Semelhante estado de coisas não se concilia com a formação da Terra por adunção de muitos mundos diferentes.

Ao demais, é de perguntar-se o que teria sido feito do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não se houvesse recusado a reunir-se às suas irmãs. Que aconteceria à Terra atual, se um dia a Lua tivesse a fantasia de vir tomar o seu lugar, expulsando deste o mar?

6. Semelhante sistema seduziu algumas pessoas, porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e a localização delas.

Mas, uma vez que essas raças puderam proliferar em mundos distintos, por que não teriam podido desenvolver-se em pontos diversos do mesmo globo? É querer resolver uma dificuldade por meio de outra dificuldade maior.

Efetivamente, quaisquer que fossem a rapidez e a destreza com que a operação se praticasse, aquela junção não se houvesse podido realizar sem violentos abalos.

Quanto mais rápida ela fosse, tanto mais desastrosos haviam de ser os cataclismos. Parece, pois, impossível que seres apenas mergulhados em sono cataléptico hajam podido resistir-lhes, para, em seguida, despertarem tranquilamente.

Se fossem unicamente germens, em que consistiriam? Como é que seres inteiramente formados se reduziram ao estado de germens? Restaria sempre a questão de saber-se como esses germens novamente se desenvolveram.

Ainda aí, teríamos a Terra a formar-se por processo miraculoso, processo, porém, menos poético e menos grandioso do que o da Gênese bíblica, enquanto que as leis naturais dão, da sua formação, uma explicação muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da observação. (1)

(1) Quando tal sistema se liga a toda uma cosmogonia, é de perguntar-se sobre que base racional pode o resto assentar. A concordância que, por meio desse sistema, se pretende estabelecer, entre a Gênese bíblica e a Ciência, é inteiramente ilusória, pois que a própria Ciência o contradiz. O autor da carta acima, homem de grande saber, seduzido, um instante, por essa teoria, logo lhe descobriu os lados vulneráveis e não tardou a combatê-la com as armas da Ciência.

A Gênese (24)

449. Apenas por não deixar de mencioná-la, falamos desta teoria, que nada tem de científica, mas que, entretanto, conseguiu certa repercussão nos últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Em resumo, segundo tal teoria, o nosso globo não é mais do que um planeta incrustativo, constituído pela fusão da Terra com 4 globos: o planeta Ásia trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; o África trouxe a raça negra; o Europa, a raça branca, o América, a raça vermelha.

450. Esta teoria tem contra si os mais positivos dados da ciência experimental, além de que deixa intacta a questão mesma que ela pretende resolver: a questão da origem. Diz, é certo, como a Terra se teria formado, mas não diz como se formaram os quatro mundos que se reuniram para constituí-la.

451. Se as coisas se houvessem passado assim, como se explicaria a inexistência absoluta de quaisquer vestígios das imensas soldaduras, não obstante terem ido, segundo essa teoria, até as entranhas do globo? Cada um daqueles mundos, o Ásia, o África, o Europa e o América, que se pretende haverem trazido os materiais que lhes eram próprios, teria uma geologia particular, diferente da dos demais, o que não é exato.

452. Ao contrário disso, vê-se, primeiramente, que o núcleo granítico é uniforme, de composição homogênea em todas as partes do globo, sem solução de continuidade. Depois, as camadas geológicas se apresentam de formação igual, idênticas quanto à constituição, superpostas, em toda parte, na mesma ordem, contínuas, sem interrupção, de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e reciprocamente. Semelhante estado de coisas não se concilia com a formação da Terra por adjunção de muitos mundos diferentes.

453. Semelhante sistema seduziu algumas pessoas, porque parecia explicar a presença das diferentes etnias na Terra e a localização delas. Mas, uma vez que essas etnias puderam proliferar em mundos distintos, por que não teriam podido desenvolver-se em pontos diversos do mesmo globo? É querer resolver uma dificuldade por meio de outra dificuldade maior.

454. A concepção de alma da Terra desempenhou papel principal na teoria da incrustação. Mas a ideia de alma da Terra tem de ser arrolada entre as concepções sistemáticas e quiméricas. Por alma da Terra pode entender-se, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos incumbidos da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de desenvolvimento intelectual; ou, melhor ainda: o Espírito a quem está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que somente pode ser atribuída a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria. Em tal caso, esse Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, porquanto não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material. É um chefe preposto ao seu governo, como um general o é ao comando de um exército.

455. Um Espírito, incumbido de missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou, então, teríamos de reconhecer em Deus a imprevidência de confiar a execução de suas leis a seres capazes de lhes contrair, a seu bel-prazer. Ora, segundo a teoria da incrustação, um dos globos – a Lua – não quis fazer parte constitutiva da Terra e, por isso, ficou à margem, como satélite que era e continua sendo, o que não passa de fantasia.

IV - ALMA DA TERRA

7. A alma da Terra desempenhou papel principal na teoria da incrustação. Vejamos se esta idéia tem melhor fundamento.

O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio intelectual. O organismo se completa à medida que se multiplicam as faculdades da alma.

A escala orgânica acompanha constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem, e não podia ser de outro modo, pois que a alma precisa de um instrumento apropriado à importância das funções que lhe compete desempenhar.

De que serviria à ostra possuir a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, portanto, a Terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, essa alma, por efeito mesmo da sua constituição, teria de ser ainda mais rudimentar do que a do pólipo, visto que a Terra não tem, sequer, a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que lhe atribuíram à alma, fizeram dela um ser dotado de razão e do mais completo livre-arbítrio, em resumo: um como Espírito superior, o que não é racional, porquanto nunca nenhum Espírito se achou menos bem aquinhoado, nem mais aprisionado. Ampliada neste sentido, a idéia da alma da Terra tem, então, de ser arrolada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

Por alma da Terra, pode entender-se, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos incumbidos da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de desenvolvimento intelectual; ou, melhor ainda: o Espírito a quem está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que somente pode ser atribuída a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria.

Em tal caso, esse Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, porquanto não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material. É um chefe preposto ao seu governo, como um general o é ao comando de um exército.

Um Espírito, incumbido de missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou, então, teríamos de reconhecer em Deus a imprevidência de confiar a execução de suas leis a seres capazes de lhes contrair, a seu bel-prazer.

Ora, segundo a doutrina da incrustação, a má vontade da alma da Lua é que houvera dado causa a que a Terra ficasse incompleta. Há idéias que a si mesmas se refutam.

(Revue de setembro de 1868, pág. 261.)

Alma da Terra

A alma da Terra representa um papel principal na teoria da formação do nosso globo pela incrustação de quatro planetas, teoria cuja impossibilidade material demonstramos, conforme as observações geológicas e os dados da ciência experimental.

(Vide A Gênese, cap. VII, nos 4 e seguintes.)

No que concerne à alma, apoiar-nos-emos igualmente sobre os fatos.

Esta questão prejudica uma outra: A Terra é um ser vivo? Sabemos que certos filósofos, mais sistemáticos do que práticos, consideram a Terra e todos os planetas como seres animados, fundando-se no princípio de que tudo vive em a Natureza, desde o mineral até o homem.

Antes de mais, cremos que há uma diferença capital entre o movimento molecular de atração e de repulsão de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta; há aí efeitos diferentes, que acusam causas diferentes ou, pelo menos, uma profunda modificação na causa primeira, se esta for única.

(A Gênese, cap. X, nos 16 a 19.)

Mas, admitindo, por um instante, que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderá contestar que seja ainda mais rudimentar no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma, cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande.

Cremos que ninguém pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro com a faculdade de pensar, de querer e de compreender.

Fazendo mesmo todas as concessões possíveis a este sistema, isto é, colocando-nos do ponto de vista dos que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita, a alma do mineral nele não estaria senão em estado de germe latente, pois que nele não se revela por nenhuma manifestação.

Um fato não menos patente que o de que acabamos de falar é que o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente. O organismo se completa a medida que se multiplicam as faculdades da alma.

A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem, e não poderia ser de outro modo, desde que à alma é necessário um instrumento apropriado à importância das funções que deve desempenhar.

De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, pois, a Terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, essa alma deveria ser ainda mais rudimentar que a do pólipo, pois que a Terra não tem a mesma vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que se atribui a essa alma, sobretudo na teoria da incrustação, dela fazem um ser dotado de razão e do mais completo livre arbítrio, um Espírito superior, numa palavra, o que nem é racional, nem conforme a lei geral, porque jamais um Espírito teria sido mais aprisionado e pior dotado.

A idéia da alma da Terra, entendida neste sentido, tanto quanto a que faz da Terra um animal, deve, pois, ser arrolada entre as concepções sistemáticas e quiméricas. Aliás, o mais ínfimo animal tem a liberdade de seus movimentos; vai aonde quer e ainda quando lhe apraz, enquanto os astros, esses pretensos seres vivos e animados por inteligências superiores, estariam sujeitos a movimentos perpetuamente automáticos, sem jamais poderem afastar-se de sua rota; seriam, na verdade, bem menos favorecidos que o último pulgão.

Se, conforme a teoria da incrustação, as almas dos quatro planetas que formaram a Terra, tiveram a liberdade de reunir os seus invólucros, teriam a de ir aonde quisessem, de mudar à vontade as leis da mecânica celeste.

Por que não mais a têm? Há idéias que se refutam por si mesmas e sistemas que caem desde que se perscrutem seriamente as suas consequências. O Espiritismo seria ridicularizado de forma justa por seus adversários, se se fizesse o editor responsável de utopias que não suportam o exame.

A Gênese – (Parte I – Capítulo VIII)

Se o ridículo não o matou, é porque só mata o que é ridículo. Por alma da Terra pode entender-se, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos incumbidos da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, o que já supõe certo grau de adiantamento e de desenvolvimento intelectual; ou, melhor ainda: o Espírito a quem está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que somente pode ser atribuída a um ser eminentemente superior em saber e em sabedoria.

Em tal caso, esse Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, porquanto não se acha encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material. É um chefe preposto à sua direção, como um general o é ao comando de um exército.

Um Espírito, incumbido de missão tão importante qual a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou, então, teríamos de reconhecer em Deus a imprevidência de confiar a execução de suas leis a seres capazes de lhes contrair, a seu bel prazer.

Ora, segundo a doutrina da incrustação, a má vontade da alma da Lua é que houvera dado causa a que a Terra ficasse incompleta.

Numerosas comunicações, dadas em diversos lugares, vieram confirmar esta maneira de encarar a questão da alma da Terra. Citaremos apenas uma, que em poucas palavras as resume todas.

A Terra não tem alma, que lhe pertença propriamente, porque não é um ser organizado, como os que são dotados de vida; tem-nos aos milhões, que são os Espíritos encarregados de seu equilíbrio, de sua harmonia, de sua vegetação, de seu calor, de sua luz, das estações, da encarnação dos animais, que velam, assim como a dos homens.

Isto não quer dizer que tais Espíritos sejam a causa desses fenômenos: eles os presidem, como os funcionários de um governo presidem cada uma das engrenagens da administração.

A Terra progrediu à medida que se formou; progride sempre, sem jamais se deter, até o momento em que tiver atingido o máximo de sua perfeição.

Tudo o que nela é vida e matéria progride ao mesmo tempo, porquanto, à medida que se realiza o progresso, os Espíritos encarregados de velar por ela e seus produtos, progridem por seu lado, pelo trabalho que lhes incumbe, ou cedem o lugar a Espíritos mais adiantados.

Nesse momento ela chega a uma transição do mal ao bem, do medíocre ao belo.

Deus, criador, é a alma do Universo, de todos os mundos que gravitam no infinito, e os Espíritos incumbidos, em cada mundo, da execução de suas leis, são os agentes de sua vontade, sob a direção de um delegado superior.

Esse delegado pertence, necessariamente, à ordem dos Espíritos mais elevados, porquanto seria injusto com a sabedoria divina crer que ela abandonasse ao capricho de uma criatura imperfeita o cuidado de velar pela realização do destino de milhões de suas próprias criaturas.

P.– Os Espíritos incumbidos da direção e da elaboração dos elementos constitutivos do nosso globo podem encarnar?

R. – Certamente, porque, no estado de encarnação, tendo uma ação mais direta sobre a matéria, podem fazer o que lhes seria impossível como Espíritos, assim como certas funções, por sua natureza, competem mais especialmente ao estado espiritual. A cada estado são conferidas missões particulares.

Os habitantes da Terra não trabalham por sua melhoria material? Considerai, então, todos os Espíritos encarnados como fazendo parte dos que estão encarregados de fazê-la progredir, ao mesmo tempo que progridem.

É a coletividade de todas essas inteligências, encarnadas e desencarnadas, inclusive o delegado superior, que constitui, a bem, dizer, a alma da Terra, da qual cada um de vós faz parte. Encarnados e desencarnados são as abelhas que trabalham na edificação da colmeia, sob a direção do Espírito chefe. Este é a cabeça, os outros são os braços.

P. – Esse Espírito-chefe também pode encarnar?

R. – Sem dúvida alguma, quando recebe a missão, o que ocorre quando sua presença entre os homens é julgada necessária ao progresso.